

Visconde de Inhaúma e a Guerra do Paraguai*

Francisco Eduardo Alves de Almeida

Capitão de Mar e Guerra. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval (PPGEM-EGN). Doutor em História Comparada. Sócio Titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

Bom dia a todos. Sou o Capitão de Mar e Guerra Alves de Almeida, professor de Estratégia e História Naval da Escola de Guerra Naval do Brasil, localizada no Rio de Janeiro. Conversaremos hoje sobre um personagem pouco conhecido no Brasil, sendo mais conhecido na Marinha do Brasil, cujo nome é Joaquim José Ignácio, Barão e depois Visconde de Inhaúma. Personagem importante, e que, inclusive, deu nome a navios da Marinha do Brasil ao longo da história. Inhaúma é uma localidade no Rio de Janeiro, onde Joaquim José Ignácio possuía uma fazenda, que fez com que Dom Pedro II nominasse o título nobiliárquico por conta dessa propriedade.

Mas quem foi esse homem? Nasceu em Lisboa, Portugal, em 1808. Veio com sua família para o Rio de Janeiro dois anos depois, quando parte da Esquadra Lusitana trouxe a bagagem que ficara para trás quando do grande êxodo da Família Real portuguesa com a invasão francesa de Junot. Seu pai, José Victorino de Barros, era oficial da Marinha embarcado na fragata *Dona Carlota*, e com ele vieram além de Joaquim Ignácio, sua mulher Maria Izabel e sua filha Maria, quatro anos mais velha que Joaquim.

Seguiu a carreira de seu pai, ingressando na Academia Real de Guardas-Marinhas, em 1821. Naquela época, o curso durava três anos, de modo que o concluiu em dezembro de 1823 e, imediatamente, agregou-se à Esquadra que estava em luta contra os portugueses pela Independência. Foi designado para a Nau *Pedro I*, o capitânia de Lorde Thomas Cochrane, Primeiro Almirante da Marinha Imperial recém-criada, que lhe serviu de grande influência em sua carreira.

Participou dos momentos finais da Guerra da Independência, e, anos depois, em 1827, tomou parte da Guerra da Cisplatina. Nesse conflito, participou da malograda expedição a Carmem de Patagones, talvez a maior derrota da Esquadra Imperial na Guerra da Cisplatina. Na referida expedição, foi capturado e feito prisioneiro pelos argentinos, conseguindo se evadir do cativeiro, meses depois, junto de seu amigo Joaquim Marques Lisboa, o futuro Marquês de Tamandaré. Juntos, regressaram a Montevidéu, ainda domínio brasileiro, e em seguida para a Corte.

Deu seguimento a sua carreira naval, comandando vários navios. Era um oficial voltado para o mar, adestrado nas lides marinheiras por Cochrane.

Em 1852, aos 43 anos, foi promovido a Chefe de Divisão, posto que equivale, mais ou menos, atualmente, a Comodoro. Em 1855, foi promovido a Chefe de Esquadra, hoje equivalente a Contra-Almirante. Em 1861, seu amigo Marquês de Caxias, do Partido Conservador, assumiu a Presidência do Conselho de Ministros, e o convidou para assumir a pasta da Marinha. Assumiu tanto o Ministério da Marinha como o recém-criado Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

Nesse período, Joaquim Ignácio teve um grande trauma. Quando estourou a Guerra do Paraguai ele era Chefe de Esquadra e Comandante da Divisão Naval do 1º Distrito Naval no Rio de Janeiro. Seu filho, o Primeiro-Tenente Antonio Carlos de Mariz e Barros, era comandante do Encouraçado *Tamandaré*, que se encontrava em ação no teatro de operações. Em 1866, Mariz e Barros foi atingido por um tiro defronte a Itapiru, no Rio Paraguai. O tiro adentrou no navio pela portinhola (casamata) do encouraçado e arrancou parte de sua perna. Inhaúma era muito próximo desse filho. Mariz e Barros, ferido, perdeu muito sangue e foi evacuado para Corrientes, mas não resistiu e faleceu na mesma noite. Esse fato deixou o Almirante Inhaúma muito agastado e chateado, pois Mariz e Barros, além de filho, lhe era um grande amigo.

Depois da derrota aliada em Curupaiti, Caxias foi convidado pelo Imperador a comandar as forças brasileiras no teatro de operações no Paraguai. E quem Caxias chamou para ser o Comandante das Forças Navais que a ele seriam subordinadas? Seu amigo, Inhaúma.

Inhaúma se apresentou em dezembro de 1866 para comandar a Esquadra em operações substituindo seu grande amigo,

o Visconde de Tamandaré. Qual seria o motivo da saída de Tamandaré do Comando?

Tamandaré foi comandante da Esquadra Imperial quando do ataque frustrado a Curupaiti, talvez a maior derrota dos aliados na guerra, com milhares de baixas, e um dos responsáveis pelo fraco apoio da Esquadra às forças de terra.

O Imperador não gostou do desempenho de Tamandaré, mas além disso, havia um atrito muito grande entre Tamandaré e Bartolomeu Mitre, que era o Comandante em Chefe das Forças Aliadas. Por que o atrito entre os dois? Porque Mitre insistia em forçar os navios que, embora encorajados, ficariam vulneráveis às fortificações paraguaias. Tamandaré era contra esta exposição. O Almirante considerava mais adequado um desbordamento pela retaguarda, como havia ocorrido na Guerra de Secessão Americana, quando os navios da União atacavam as fortificações da Confederação e havia um desbordamento pelo Exército. Mas Mitre insistia na passagem dos navios e Tamandaré achava que era para forçar uma perda de navios e com isso enfraquecer o predomínio brasileiro no Prata. Mas tal hipótese não procede, Mitre era um aliado do Brasil, não obstante os problemas pessoais entre os dois líderes militares.

Então, Inhaúma foi escolhido por Caxias para substituir Tamandaré, tendo se apresentado em dezembro de 1866 e participado de quatro grandes eventos em seu período de comando, que foi de dezembro de 1866 a janeiro de 1869.

O primeiro deles foi o ataque a Curupaiti. Curupaiti era quase uma lenda para as forças aliadas, parecia inexpugnável. Inhaúma também divergiu de Mitre. As cartas trocadas entre os dois são muito significativas. Mitre continuava insistindo nas passagens dos navios e Inhaúma resistia, assim como seu amigo Tamandaré.

No entanto, em agosto do ano seguinte, ou seja, foram nove meses para ocorrer

essa passagem, em cujo íterim ocorriam refregas entre os navios e as baterias de Curupaiti – que fica ao sul de Humaitá –, Inhaúma conseguiu passar com seus dez encouraçados e ficou exatamente entre Curupaiti e Humaitá, que era exatamente o que ele, Inhaúma, temia. Por que esse temor? Porque o Almirante Joaquim Ignácio pensava no apoio logístico, sabendo que ficaria isolado do restante da Esquadra que estava ao sul de Curupaiti.

Como ele resolveu esse problema? Construindo uma estrada, na margem direita do Rio Paraguai, no Chaco, a fim de abastecer os seus navios com carvão e alimentação, além da munição necessária para combater as fortificações paraguaias. Essa estrada foi feita e o porto recebeu o nome de Porto Elizário, em homenagem ao seu Chefe do Estado-Maior, e a Esquadra passou a atacar duas posições simultaneamente: ao norte, Humaitá (que era a mais forte delas) e, ao sul, Curupaiti.

Interessante notar que Mitre tinha razão. Na passagem desses dez navios somente dez tripulantes brasileiros foram mortos, o que demonstrou que os navios tinham capacidade de resistir aos tiros das fortificações paraguaias. Esse foi o primeiro evento importante.

O segundo evento importante foi Humaitá. Esse era o ponto nevrálgico. A Força Naval brasileira tinha um grande receio com Humaitá por conta de seu poderio. Imaginava-se que existiam mais de cem canhões, o que de fato existia. Havia 109 canhões apontados para uma posição do rio, a qual era de difícil manobra para os navios, em local onde ficariam vulneráveis.

Durante muitos meses, Inhaúma estudou com seu Estado-Maior como passaria de Curupaiti a Humaitá. Em fevereiro de 1868, após seis meses da passagem de Curupaiti, o Almirante Inhaúma consegue forçar Humaitá. Foi uma passagem noturna na qual passaram seis navios em três

pares: um encouraçado e um monitor. Os monitores eram navios recém-chegados ao teatro de operações e haviam sido construídos no Brasil, já que o país possuía uma indústria naval muito desenvolvida.

Então, esses seis navios conseguiram forçar a passagem por Humaitá. Receberam muitos tiros. A passagem começou às 23h30. Imaginem a navegação no Rio Paraná, sobre o qual não havia cartas náuticas, todo estudo de navegação feito por croqui. A navegação foi feita com muita dificuldade, mas com sucesso. Não podemos esquecer que Caxias, ao mesmo tempo, se aproximava de Humaitá pela retaguarda, tendo havido uma falha de comunicação entre a Esquadra e as forças terrestres aliadas, quando Solano López conseguiu evacuar parte da guarnição de Humaitá para o outro lado do Rio Paraguai. Houve uma falha de Inhaúma? Houve. Houve uma falha de Caxias? Houve. Durante quatro ou cinco dias as forças paraguaias evacuaram Humaitá sem serem interrompidas por ninguém.

A terceira grande operação da qual Inhaúma participou foi a manobra de Piquissiri, fato que proporcionou o fim da guerra. O que foi essa grande manobra de Piquissiri? Foi a passagem de parte do Exército aliado para a margem direita do Rio Paraguai, marchando em seguida paralelamente a Angostura, onde estavam as forças de Solano López e desbordando na sequência pela retaguarda com apoio de fogo da Esquadra contra Angostura e no transporte de tropas de um lado ao outro do rio.

Essa manobra redundou em três batalhas seguidas e, para quem estuda estratégia, sabe-se que é muito difícil montar um dispositivo estratégico rapidamente. Solano López se viu envolvido pela retaguarda em três batalhas conhecidas com Vitória das Forças Brasileiras: Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. Com isso se inicia a chamada Campanha das Cordilheiras, da qual Inhaúma não participa.

Por fim, a última grande operação de Inhaúma foi a tomada de Assunção, no início de 1869. Ocorreram saques na cidade de Assunção feitos pelo Exército Brasileiro, onde alguns marinheiros também participaram. Inhaúma determinou que os marinheiros voltassem aos navios para que as forças navais não fossem culpadas por participar desses saques contra as propriedades dos paraguaios em Assunção.

Inhaúma ficou muito doente e não teve outra alternativa que não pedir para ser substituído, tendo passado suas funções ao seu genro, o Chefe de Divisão Delfim Carlos de Carvalho. Em seguida, retornou à Corte, mas foi muito mal-recebido pelo Imperador que queria a vitória total do Brasil e a destituição de Solano López. Na chegada de Inhaúma, que estava muito doente (dizem que foi malária, mas tenho minhas dúvidas, acho que ele tinha câncer, estou investigando), não houve recepção por parte do Imperador o que deixou o Almirante muito chateado.

Por fim, antes de encerrar, gostaria de passar algumas características pessoais do Visconde de Inhaúma, por exemplo: ele tinha um comando muito participativo, era um oficial-general que consultava seus comandantes subordinados (fato raro no século XIX); segundo, ele se preocupava muito com o número de baixas, tinha o princípio da segurança como primordial, sentia cada oficial e marinheiro que perdia em combate, pois também era muito católico, possuía uma ligação forte com as suas tripulações; Inhaúma sabia que navios não tomam posição em terra, então sempre pedia que Caxias desbordasse pela retaguarda por terra para fazer os ataques; era um homem extremamente paciente; muito ligado à sua família (esposa e filhos); era do Partido Conservador, Maçom e Monarquista, daí o sentimento que teve quando, ao chegar ao Rio de Janeiro, não ter sido recebido pelo Imperador Pedro II.

Logo após chegar ao Rio de Janeiro, em março de 1869, Inhaúma faleceu. Era isso que eu tinha para conversar sobre o Visconde de Inhaúma. Um personagem importante da Marinha do Brasil. Agradeço mais uma vez a atenção e muito bom dia a todos.

